
PARCERIA ACADÊMICA E ESPERANÇA EQUILIBRISTA: UMA CONVERSA COM LYNN MARIO TRINDADE MENEZES DE SOUZA

*ACADEMIC PARTNERSHIP AND BALANCING HOPE: A DIALOGUE WITH LYNN MARIO
TRINDADE MENEZES DE SOUZA*

Lynn Mario Trindade Menezes de Souza¹, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros², Marcia Lisbôa Costa de Oliveira³, Ricardo Toshihito Saito⁴, Sandra Regina Buttros Gattolin⁵

¹ *Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil
lynnmario@gmail.com*

² *Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, MS, Brasil
chaves.adri@hotmail.com*

³ *Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
lisboamarcia@hotmail.com*

⁴ *Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil
ricardosaito@yahoo.com*

⁵ *Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil
sandragattolin@gmail.com*

Entrevista concedida em abril de 2019

Nessa conversa, o professor Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, titular da FFLCH/USP, dialoga com os organizadores do Dossiê sobre a amizade/parceria/colaboração acadêmica com a Professora Walkyria Monte Mór e sobre o Projeto Nacional de Letramentos que é um dos frutos dessa parceria. A partir de provocações baseadas em sua participação no **V Encontro do Projeto Nacional de Letramentos**, Lynn pensa o contexto contemporâneo, abordando conceitos como colaboração acadêmica, produção de saberes, injustiça e desigualdade e lugar de fala/posição enunciativa, epistemologias da experiência, decolonialidade e esperança, além de destacar a importância das releituras de Paulo Freire.

Entrevistadores – *Nós gostaríamos de começar essa conversa pensando a produção de saberes na contemporaneidade e como sua colaboração acadêmica com Walkyria Monte Mór se inscreve nesse contexto.*

Sobre colaboração acadêmica, eu sempre parto do princípio de que o saber nunca é individual, então, para mim, o saber dentro de um conceito acadêmico é imprescindivelmente coletivo. Mas a gente sempre se depara com as tradições de propriedade particular e a tradição individualista, afinal nós vivemos dentro de uma ideologia dominada pelo liberalismo e pela modernidade, que enfatizam a racionalidade e individualidade. Eu dificilmente contribuí para isso. Eu sou produto dessa ideologia, mas não colaboro com ela, então eu tento, na medida do possível, me conscientizar e fugir dela, mas não nego que sou um produto dessa ideologia.

Não existe um lado de fora da modernidade, nós somos todos produtos dela, isso tem a ver com o que tenho dito sobre a decolonialidade e as epistemologias do sul, que se conscientizam da existência da modernidade e de suas ideologias, e do fato de que ela nos traz um determinado conceito de ciência que está inserido dentro

de um momento histórico; há meta-teorias ali, meta-saberes que não são levados em conta pela modernidade. Um desses meta-saberes é a colonialidade, o colonialismo, o surgimento do capitalismo, e a ideia da exploração do outro e da desigualdade, todos eles responsáveis pela injustiça social, que subjaz a esses meta-saberes e, conseqüentemente, à modernidade.

A racionalidade e a ciência que a modernidade nos trouxe trazem implícitas a ideologia da desigualdade e a ideologia da exploração. Voltando para a ideia da colaboração, portanto, a produção de saberes, dentro da modernidade, tem desembocado, necessariamente, na exploração, na desigualdade e na injustiça. Como podemos perceber esse fenômeno? Na academia, normalmente, percebemos essa atitude nos dizeres de teóricos que defendem ideias e conceitos como sendo seus, exigindo que se deem a eles os créditos. Mas como podemos aceitar que as ideias sejam de alguém, individual e especificamente? Essas ideias são da biblioteca de onde todos nós tiramos as nossas ideias.

Essas bibliotecas não são lugares físicos; são locais que pairam acima de todos nós. Todos nós, em algum momento, acessamos determinadas bibliotecas, que são populadas por saberes produzidos por outros. O fato de uma pessoa produzir um saber resultante das leituras de artigos que faz em uma determinada biblioteca não significa que esse saber pertence a ela. Esse saber, que pode parecer dela, não passa de uma construção baseada em saberes anteriores, os quais também foram construídos a partir de saberes que os precederam.

Portanto, a produção de saber é um ato coletivo e colaborativo mas que não é reconhecido como tal; para mim, trata-se de uma questão ideológica, mais do que uma questão processual. A gente constrói o conhecimento sempre de uma forma supra individual; o resultado pode parecer individual, mas as fontes foram coletivas.

Como dizem os teóricos da decolonialidade, para combater um sistema injusto, a primeira coisa é reconhecer e identificar esse sistema injusto. E reconhecer o fato de que se nós estamos sofrendo com um sistema injusto, nós somos produtos desse sistema injusto que nos cria ou como inferiores e nos trata dessa forma, ou nos cria como superiores e justifica nossa discriminação dos outros. Muitas vezes nós partimos para a crítica do sistema injusto sem perceber como nós somos cúmplices desse sistema injusto porque a nossa agentividade, a nossa identidade, subjetividade são produtos desse mesmo sistema injusto. Nós podemos exigir, agir buscando acabar com o sistema, agir buscando acabar com a exploração e desigualdade, sem perceber que somos exploradores e contribuimos para a desigualdade..

E isso a gente vê na história das revoluções modernas. Aqueles que lideram as revoluções acabam fazendo coisas iguais aos sistemas que os produziram como sujeitos e agentes. Então, a tal história se repete; para quebrar esse ciclo vicioso, a gente tem que ter constantemente aquilo que talvez seja a coisa mais difícil para um ser humano – a consciência de que nós podemos ser produtos daquilo que estamos criticando. Nós somos muitas vezes regidos por essa contradição e, por isso, é muito fácil cair naquilo que se está criticando.

O sistema que nos formatou, e contra o qual estamos lutando, não é algo que está lá fora. O nosso inimigo não está lá fora. Pode estar lá fora, mas também está aqui dentro. Temos que lidar com essa duplicidade, lutar contra ela. Então, colaboração acadêmica para mim é aquilo que me produziu, é aquilo pelo que eu

estou lutando, seguindo um conceito de que o saber é produzido coletivamente, mas não é reconhecido como tal, então eu busco resgatar, por trás da aparência de individualidade, a coletividade na produção de saberes, enfatizando a colaboração, mostrando que toda colaboração não significa o fim da individualidade uma vez que cada contribuição individual num esforço coletivo de produção traz as marcas e as diferenças da contribuição de cada um.

Por exemplo, eu e Walkyria, nós somos personalidades diferentes, temos interesses, inclusive acadêmicos, diferentes, para além dos interesses acadêmicos que temos em comum, e nunca nos apagamos, não nos tornamos um o outro, então a nossa forma de ação coletiva é ter interesses comuns, mas trazendo aquilo que a gente como indivíduos, não compartilha, para essa ação colaborativa. A colaboração é isso, juntar sem apagar as diferenças, ou seja, não é reproduzir, é produzir algo diferente do que eu sabia, do que ela sabia, e algo que não vai reproduzir o que cada um de nós já sabíamos, porque é algo novo. E esse algo novo que ajudamos a produzir vai nos levar a aprendizagens novas.

Parece maluco, essa não linearidade total é um processo pelo qual a gente se torna outras pessoas, porque aprende outras coisas constantemente, e essa é a força da vida, a gente vive isso constantemente. É assim que eu entendo a colaboração acadêmica - algo que não é homogêneo. É algo que produz sempre uma outra coisa e não é um produto que vai reproduzir o que já se sabia antes. Tanto que com esse produto novo, os saberes que o precederam também mudam. O novo muda o velho apesar do novo ser produto do velho; essa é a relação que a Walkyria gosta de chamar de dialética, eu não gosto da palavra dialética, porque a dialética parece remeter a dois planos. Para mim, as coisas são complexas, com muitos e múltiplos planos envolvidos. Mas é dialética no sentido de que é um processo dialógico de transformações mútuas sem fim e sem um conceito de síntese.

Aquele artigo que escrevemos recentemente, ***Still Critique*** (SOUZA e MONTE MOR, 2018) é um diálogo entre nós; eu e Walkyria; partimos de uma situação problema inicial que ela identifica. Ela propõe uma leitura daquela situação e pergunta o que eu acho. Nossas interpretações acerca desse problema são diferentes, mas, ainda assim, escrevemos esse artigo como um todo mantendo as nossas vozes e estilos de linguagem visíveis. É claro que isso deve incomodar o leitor, deve incomodar aquele que está procurando um artigo acadêmico tradicional, porque não é linear. Afinal, quem está falando? Mas esse é o resultado de um processo colaborativo de construção de saber.

Quando um doutorando termina a tese ele acha que a tese foi produto dele, já sai pelo mundo citando a sua própria obra. Aquela obra é fruto do suor de várias pessoas, não só dele e de seu orientador, mas também do grupo do qual o doutorando fez parte, das bibliotecas que ele acessou.

Entrevistadores – *Esse processo colaborativo de construção do saber tem relação com a noção de local de fala? Essas ideias se articulam em sua colaboração acadêmica com Walkyria?*

Para mim, um aspecto desse processo colaborativo e complexo de construção de saber, desse processo, digamos, dialógico, pressupõe que cada pessoa vem de um lugar diferente. Esse outro lugar, como tentei falar nesses últimos dias, não é só

um lugar; por que isso? As pessoas acabam achando que você está ali e eu estou aqui e você tem uma perspectiva de mim que é de lá para cá, e eu tenho uma perspectiva de você que é diferente. Então isso explica tudo? Não! Isso explica uma parte. O local da fala é um lugar, é um espaço, sim, mas não é só um espaço, é um espaço atravessado pelo tempo, porque nunca estamos em uma única dimensão. E o tempo não é linear, o tempo é múltiplo, o tempo, quando cruza o espaço, gera um universo paralelo. Então o local da fala é constantemente móvel, mas por ser móvel não significa que é sempre relativo e fluído. Quando Marx fez aquele comentário famoso de que "Tudo que era sólido se desmancha no ar", ele estava se referindo a um sistema de injustiça que se achava eterno e permanente. Ele estava dizendo que nada é permanente, nada é fixo, nada é sólido, tudo pode mudar mas isso não significa que vale tudo.

Em cada dado momento, para poder conversar, precisamos pressupor determinadas verdades. Eu tenho que pressupor que estou falando uma mesma língua e que vocês me entendem. É uma pressuposição. Eu pressuponho que o tempo está suspenso. Então, eu tenho que pressupor a suspensão do tempo para pressupor um dialogo possível, porque eu tenho que pressupor que vocês vão me entender. Mas é uma pressuposição que é uma mentira branca que eu preciso contar para mim. Mas eu não posso nunca esquecer: nessa mentira branca eu tenho que esquecer do tempo e de seus efeitos para poder falar com vocês, para poder me fazer entender. Mas o tempo não para. Daqui a pouco eu posso não concordar com o que eu acabei de dizer, eu tenho que esquecer desse efeito da passagem do tempo para poder dizer algo, mas eu nunca posso esquecer que eu esqueci. Se eu esquecer que eu esqueci, estarei dizendo que não existe o tempo. Não existe essa mobilidade complexa.

Mas também não é uma simples questão de dizer que há mobilidade ou que há fixidez. A fixidez é uma percepção momentânea da mobilidade. A mobilidade é uma percepção atemporal (abstráida do tempo) da fixidez. Só é possível perceber a liquidez ou a fluidez se partirmos de um ponto de vista fora do tempo. Porque, na verdade, não existe um local que permita que as pessoas tenham todas a mesma percepção das mudanças.

Pergunte para uma pessoa negra, que sofre discriminação e violência todos os dias, quando sai de casa e quando volta para casa, se alguma coisa mudou. Compare as experiências dela com as nossas experiências como acadêmicos, hoje. Nós estamos nos sentindo discriminados hoje enquanto professores, ameaçados e acuados. Essa é uma experiência cotidiana antiga de uma boa parcela da população, que a gente não enxerga. Então eu acho muito boa essa experiência pela qual estamos passando, porque precisamos sair de nossa torre de marfim, onde ficávamos felizes, e aprender a enxergar a desigualdade e a injustiça e combater-las.

Nós temos usado uma expressão que me irrita profundamente - *common ground*. Não existe *common ground* entre os que pensam de formas radicalmente diferente. *Common ground* implica em apagar as diferenças. Podemos estar no mesmo espaço, como estamos aqui, pisando no mesmo *ground*, que é aqui, mas temos e estamos falando de histórias de vida diferentes, estamos falando de perspectivas diferentes; então, *common ground* é apenas uma oportunidade, uma possibilidade de trocas, que podem vir a ser realizadas ou não; não é um espaço comum a partir do qual nós temos semelhanças e igualdades. Essa é uma grande

mentira que uma parcela da esquerda tomou como natural. Que esquerda é essa? A esquerda é tão múltipla e complexa e tem seus próprios conflitos internos. Se temos uma direita e uma esquerda, temos também pontos em que a esquerda se une com a direita. No fascismo, por exemplo, o nazismo é um produto de esquerda ou direita? Quando se chega ao radicalismo, esquerda e direita se unem porque o radicalismo não aceita o diálogo, não aceita o dissenso. Isso não é privilégio de uma ideologia ou de outra. Todas as ideologias podem cair no radicalismo autoritário.

Enfim, local de fala é isso, é algo móvel porque o local de onde eu estou falando hoje pode não ser o mesmo local de onde eu estarei falando amanhã. Apesar de eu ser a mesma pessoa que ocupa esse lugar, esse local. O que é que muda? A minha história como sujeito social. Porque entre hoje e amanhã, as influências do contexto social podem agir sobre mim de forma diferente do que agiam antes. Então eu posso ter ou sofrer a ilusão de que eu sou o mesmo sujeito de fala, mas eu não sou. Eu mesmo discordo daquilo que escrevi 20/30 anos atrás. É nesse sentido que o local de fala é móvel mas é sempre sócio-histórico, não é sócio-espacial, um espaço fora do fluxo do tempo. Não existe a possibilidade de separar o tempo e espaço.

As pessoas se enganam quando acreditam pertencer a um local de fala e, a partir dele, se fixar numa essência, numa certeza. Ater-se a um local de fala é uma forma de se ancorar dentro de um determinado contexto. Essa ancoragem, entretanto, é momentânea, porque com o fluxo do tempo a âncora se desprende e vai fincar-se em solos diferentes. Apesar do fato de que em dado momento a âncora é fixa, os locais em que ela se fixa mudam com o fluxo do tempo. O mesmo se aplica ao local da fala: ele é sempre fixo no momento da fala, mas com o fluxo do tempo, o local em que ele se fixa muda. Sempre falamos de um local da fala, mas ele está em constante mudança.

Assim, a identidade existe, mas varia de acordo com a pessoa com quem se está falando. A identidade não é uma substância, mas um conjunto complexo de coisas que vai tomar uma determinada forma em algumas circunstâncias e outra forma em outras. Isso foi mal interpretado na década de 80, nas tais guerras de identidade, onde as pessoas relegadas a posições minoritárias ou marginalizadas ou na periferia buscavam e se fixavam em identidades fixas como uma estratégia política para resistir à opressão do dominante ou da maioria; muitos desses movimentos acabaram acreditando na mentira que se contavam: acabavam acreditando naquela identidade que construíram para lutar contra a dominação. Assumir uma identidade é sempre uma estratégia. Você recorre a uma identidade para agir em determinado contexto para um determinado fim. Mas cuidado para não se enganar e acreditar que aquela identidade é fixa e é sua. Portanto, sempre há uma identidade, como sempre há um local de fala, mas eles nunca são os mesmos.

Mas a pergunta era o que isso tem a ver com a Walkyria.

Acho que a Walkyria acabou de mencionar isso há pouco ao falar dos *outsiders*. Quando estamos em nosso local, nos achamos naturais desse local, nos imaginamos invisíveis, sem cor e sem feições específicas. Quando vamos para outro local, que não é o nosso, onde as pessoas têm outra cor e outras feições, de repente, percebemos que não somos mais transparentes, porque são aqueles outros que se acham invisíveis e nós passamos a ser os marcados, os visíveis. Não adianta tentarmos nos esconder à sombra, sempre seremos visíveis porque somos diferentes deles.

É nessa experiência de *outsider* que, de repente, somos obrigados a nos conscientizar da nossa diferença. Os outros estão no local deles, onde as diferenças entre eles são naturalizadas e invisibilizadas. Nós somos os *outsiders*. Nessa experiência de *outsider* tomamos consciência dessa construção do saber, consciência da importância do local de fala, consciência de como essas coisas são fluídas, líquidas, mas ao mesmo tempo fixas. Se tomamos consciência dessa dificuldade, percebemos que o que é natural para um não é natural para outro. E nós temos que conviver com o conceito natural daqueles outros, e o que vamos fazer? Nos apagamos ou nos tornamos iguais a eles? Isso não é possível. Não vamos apagar os sinais que nos formaram, então sempre haverá um sotaque, digamos, que vai nos marcar como diferentes.

Então aprendemos, desenvolvemos estratégias para lidar com isso. A assimilação não é uma opção, ela é um processo de se apagar ou se integrar. Uma estratégia possível é o diálogo. Um diálogo constante no qual conscientizamos o outro que nós somos tão diferentes quanto ele. O que temos em comum é a nossa diferença. Ele não é semelhante a alguns e nós somos diferentes dos outros. Ele é tão diferente quanto nós.

Entrevistadores – *Que outros sentidos assume a leitura de Freire por vocês, especialmente no cenário devastador que estamos vivendo. Como vocês (re)leem Freire hoje?*

Walkyria tem a mesma experiência que eu, tendo vindo de fora, então nós sofremos experiências semelhantes e passamos pelo mesmo processo de conscientização, daí que a leitura de Freire faz todo um outro sentido para nós.

Eu não deixo de me espantar quando vou para os Estados Unidos, para a Europa e o Canadá e encontro os freireanos “rezando” Freire no altar, como se o Freire ditasse - faça assim, faça assado. Eu não reconheço esse Freire. A minha leitura de Freire é a de alguém que fez as pessoas questionarem, levantarem as perguntas do tipo “Quem é você ?”

Freire para mim era alguém que partiu do princípio de que você começa num local para chegar fora, no global, no universal, digamos. Não estou usando o universal como uma homogeneidade em que se perdem as diferenças, mas universal no sentido de para além do local.

Freire ensina a possibilidade de mobilidade, através das perguntas, do questionamento, do diálogo, dos temas, porque no método de alfabetização ele pega palavras do dia a dia dos seus alunos, que são palavras geradoras, palavras do já sabido dos alunos, para eles descobrirem palavras que não conhecem, para eles adquirirem a capacidade de ler o que eles não tinham. Então, nessa dinâmica, o que ele está dizendo? Você começa no local onde você está inserido e a aprendizagem te leva para além daquele local, porque tem um mundo de saberes ao seu alcance. De maneira que ele não está falando de mobilidade social literalmente. O que acontece na mobilidade social?

Você se alfabetiza, vai para a escola, vai para a universidade, ganha um emprego que remunera melhor. Você, por exemplo, vem de uma família de pescadores, então você sai do seu local, do seu bairro de pescadores e vai para o bairro de classe média. Isso é o que a gente entende de mobilidade, ascensão social.

O Freire está falando de mobilidade e ascensão, mas sem sair do seu lugar. Qual é a importância de aprender coisas novas? É para você transformar o seu mundo, o mundo daqui. Não é para levar a sua agência para longe e deixar aquele mundo pobre e problemático onde você nasceu para trás. Não. É para você se tornar outro, para você adquirir uma agentividade que não te deram, para você poder agir sobre esse mundo que te formou. Então você se transforma e se torna um transformador desse mesmo mundo.

Aquele mundo que era o local, o bairro, a paróquia, vira O mundo, através da sua ação, sem você ter que sair e ir para outro lugar, então o mundo é aqui. Mas não nos ensinam a acessar esse mundo; então o objetivo da educação é acessar daqui aquele mundo fora de nosso alcance, porque trazendo esse mundo para cá, a gente transforma o local pré-mundo. E lá fora entendem Freire como se dissesse: todo mundo vira classe média, todo mundo vira não sei o quê. Se isso acontecer, Coó vai acabar? Você pode até sair do seu bairro de periferia mas outros vão entrar lá em seu lugar; afinal, o que mudou? Você deixa de ser pobre, mas você não agiu para transformar a pobreza.

Eu leio Freire nesse outro [modo]. Não sei se o Freire quis dizer isso ou não, mas eu encontro essas reflexões no Freire pós-Pedagogia do Oprimido, um Freire mais humano, um Freire mais engajado na Teologia da Libertação, um Freire que não tem medo de dizer que é católico. Um Freire que fala da justiça social, um Freire contraditório, como todos nós somos contraditórios. Se a gente tiver certeza daquilo que nós somos, se nós sempre estamos na plena consciência, só pode significar que morremos, porque esse estado dificilmente existe.

Entrevistadores – *Você tem discutido a necessidade de se “ressignificar o conceito de epistemologia para interromper a política dominante do saber” (MENEZES de SOUZA, 2019), ideia que, de certa forma, está presente na sua resposta à primeira pergunta. Essa afirmação tem relação com as concepções de Freire?*

Sobre a ressignificação da epistemologia, nesse espírito do que eu estou falando, voltando para Freire, a gente precisa ressignificar coisas como mundo, como certeza, como verdade.

Quando Freire, na metodologia da alfabetização, ensina para uma comunidade de pescadores num bairro de periferia do Recife, as palavras geradoras, quais eram? Peixe, maré, rede, barco. É com essas palavras, que são palavras quase invisíveis porque são cotidianas que ele ensina. Como ele chega a essas palavras? através daquilo que ele chama de "círculos de cultura". Antes de preparar qualquer material, ele juntava a comunidade, aqueles que estavam interessados em aprender, num círculo, junto com os futuros instrutores, os professores, e iam discutir: o que você faz no seu dia a dia? como é seu mundo? quais são os problemas do seu mundo? Através de uma reflexão horizontal, surge o mundo da comunidade para quem vai ensinar a ir além daquela comunidade. Então, ele puxa os educadores para dentro daquela comunidade, e é por isso que no "círculo de cultura", a verticalidade, que distancia os que sabem mais dos que sabem menos, é derrubada e substituída pela horizontalidade de um círculo. Por que um círculo? Porque não tem cantos para se esconder, todo mundo se expõe a outra pessoa que faz parte daquele círculo, todas as ignorâncias e saberes estão lá expostas. O processo de construção de saber depois parte dessa conscientização de quais são as minhas

ignorâncias, quais são as minhas verdades, os meus saberes. E a mobilidade está em ir além daquilo que eu não sabia, ir além da minha ignorância, mas sempre me conscientizando de que o lugar do saber não é um ponto final, um ponto de chegada. O lugar de saber é sempre um lugar que tem outras ignorâncias. Então trata-se sempre desse processo constante de aprender. Não existe "cheguei, pronto!". O processo educacional, o processo de leitura é esse processo constante se fim.

A gente entende mal quando passa a institucionalizar o processo de saber: "ah, eu já terminei o segundo grau", aí a gente fala "mas o saber não termina", aí a pessoa fala "ah então para continuar a aprender eu preciso da universidade", "ah, então eu preciso do mestrado, do doutorado, do pós-doutorado".

A gente pensa no saber como um processo vertical, e não é. É um círculo horizontal, então - isso pode chocar vocês - eu sou da opinião de que nós não precisamos de uma população com formação universitária, nós precisamos de uma população que constantemente reflete e produz o saber. Ir para a universidade não garante nada disso. Não é uma formação universitária, que virou produto de consumo, que vai salvar uma nação. É o saber que salva uma nação, e o saber é esse processo de reflexão, de crítica, de autocrítica, de conscientização constante.

E justamente, eu gosto muito da palavra conscientização, que é difícil de traduzir. Lá fora eles mantêm a palavra conscientização, que pode ser traduzida como *awareness*, e não como *consciousness*. O Freire não estava falando de um conceito psicanalítico, um estágio psicanalítico, ele estava falando de um processo de reflexão, de constante questionamento. Conscientização da nossa ignorância anterior, conscientização do avanço do estado de não saber para o estado de saber e, tendo chegado ao estado de saber, a gente se conscientiza do fato de que sabemos algumas coisas mas não sabemos outras. É esse processo constante...

Entrevistadores – Qual Paulo Freire você (re)lê?

Esse é o Freire que eu leio, o Freire que existe para mim, o Freire que eu encontro nos ensaios curtos publicados naquelas coletâneas que ele mesmo nunca publicou. Esse é o Freire que eu leio. O Freire que existe para mim, o Freire que eu encontro nos ensaios curtos, que estão publicados em nome dele, na maioria postumamente. Existe a ideia de autoria, alguém juntou aqueles textos para formar aquele livro. *Pedagogia da Tolerância* (FREIRE, 2005), *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2000) não são livros escritos por Freire, alguém juntou textos e coconstruiu um Freire que nunca existiu. Freire produziu esses muitos textos e, para mim, a grandeza do Freire como intelectual e produtor do saber está em refletir para trás, refletir sobre o Freire anterior. E ele fez isso através de um trauma que ele passou, vocês sabem, não é, quando ele foi Secretário de Educação de São Paulo? O trauma que é o que significa a tal de práxis, que ele não conseguiu atingir a práxis como secretário. Então, como é que a rede pública, os professores, se levantaram contra ele? Alguma coisa estava errada. Naquele momento, quando ele se retrai, ele sai da atenção pública, é um Freire interiorizado que começa a escrever esses pequenos ensaios próprios, provavelmente para nunca serem publicados. Porque eu estou contando isso? Por que esse é o mundo do Paulo Freire, nada, uma vez descrito, é pacífico, tudo é uma luta constante e exige uma

reflexão constante. Somos donos do saber ou não somos donos; o saber é algo fixo, estável, ou não é?

Eu encontro nesses escritos pós-trauma de Freire, um Freire reflexivo, inspirado por ele mesmo, um Freire inspirado pelas dúvidas, não pelas certezas.

Voltando para Walkyria e para mim, nós somos inspirados pelas nossas dúvidas, certezas não temos. As nossas dúvidas nos impelem para a frente. Quem sabe em busca da certeza? Não sei, porque nunca cheguei a certeza nenhuma. Mas talvez seja isso, a gente está buscando a certeza, não vamos nos contentar com a ideia de que a certeza não existe, porque também isso paralisa a busca, quem sabe um dia ela apareça...

Entrevistadores – Mas você tem esperança?

Total! Sem dúvida! É estranho. Como pode não ter certeza e ter esperança? É fé! Eu sou uma pessoa de fé. Mas a Fé em quê? Eu não sei, mas eu tenho esperança de que um dia eu vou saber. É aquela fé ausente. Eu acredito que haja alguma coisa que um dia eu vou saber; eu acredito em alguma coisa, não sei bem o que é, mas eu estou buscad. É essa fé que me move e essa é a minha esperança. É uma esperança que talvez apareça de forma negativa. Eu sei que o mundo pode ser melhor, mas para ser melhor tem que ser outro mundo. E eu vou buscar esse outro mundo. Essa é a esperança pra mim, uma coisa cega, irracional, mas é afetiva. É a esperança, no meu caso, é a minha esperança que me move a acolher as pessoas que estão sofrendo pelas injustiças, pela falta da fé, por não enxergar nada pela frente, e essas eu vou levar junto comigo. Esperança em que? Eu não sei. Mas é a esperança que nos ajuda a não cair pelo caminho, só isso! Não vai nos levar a nenhum lugar X ou Y. Mas essa é a equilibrista na corda bamba! A esperança o ajuda a seguir o caminho, a levantar, se cair e a continuar o caminho. Pode-se cair de novo, mas é a esperança que vai fazer levantar e continuar o caminho, chacoalhar a poeira e dar a volta por cima. Mas para muita gente isso não é esperança. Porque isso não é fé. Você acredita em quê? Eu acredito em acreditar. Isso é uma frase do Derrida que o Vattimo retoma. A importância de acreditar em acreditar...

Entrevistadores – Muito do que você falou parece atravessado por Bakhtin também...

Bakhtin é minha grande inspiração. Porque Bakhtin não é nem linguista, nem filósofo, nem político, mas ao mesmo tempo é tudo. Bakhtin me ensinou, por exemplo, a não aceitar a minha identidade disciplinar, eu sou formado em linguística, o meu bacharelado é em linguística mas eu detestava a linguística.

Entrevistadores – E a filosofia?

Eu leio filosofia de qualquer lugar. Eu leio filosofia para buscar respostas aos meus anseios. O que a filosofia faz? Ela me leva a outras filosofias; me conscientiza de minhas ignorâncias e me leva a outras perguntas para superar essas ignorâncias. Filosofia não existe para te dar respostas, mas para te fazer questionar. E é nesse

processo de nos questionarmos constantemente que eu e a Walkyria encontramos forças para seguir nossas carreiras, mesmo aposentados.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

SOUZA, L. M. T. M.; MONTE MOR, W. M. Still Critique?. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 445-450, jun. 2018.

Sobre os autores

Lynn Mario Trindade Menezes de Souza

Possui Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e Livre-Docência pela Universidade de São Paulo (2006). Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984), e Graduação em Linguística - University of Reading (1977). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo. Foi Professor Visitante na University of Western Ontario (2004, Canadá) e na Monash University (2010, Australia). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Estrangeiras, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino-aprendizagem, linguística aplicada, língua estrangeira, letramento, crítica literária e literatura pós-colonial.

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

Possui Pós-Doutorado em Letras Modernas pela USP (2016-2017). É Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio (2010). Mestre em Administração de Empresas com especialização em Marketing pelo IAG Escola de Negócios da PUC-Rio (2006). Diplomada no curso de Pós-Graduação em Management (MBA) pelo IAG Escola de Negócios da PUC-Rio (2003). Diplomada no curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa, (DOTE - Diploma for Overseas Teachers of English, RSA) pela Universidade de Cambridge, Inglaterra (1994), adquirindo o título de Royal Society of Arts. Graduada em Letras Português-Inglês Licenciatura Plena pela PUC-Rio (1984). Atualmente é professora efetiva da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, ministrando aulas nos cursos de graduação e de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico e Profissional em Letras. Atualmente, suas áreas de interesse são: Sociolinguística Interacional/Variacionista e Linguística Aplicada, com foco em Ensino de Línguas, Formação de Professores, Línguas de Comunidades Minoritárias e (De)colonialidade, Fronteiras, Língua, Cultura e Identidade.

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

Doutora em Letras (FL - UFRJ, 2002) com Pós-Doutorado em Letras Modernas (FFLCH-USP, 2017). Atua como Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ. É membro do Grupo de Pesquisa Linguagem & Sociedade (FFP/UERJ-CNPq) e líder do Grupo de Pesquisa UERJ/SECMS/CIEP250 Conversa de professor: construindo relações entre teoria e metodologia numa comunidade de prática. Pesquisa principalmente os seguintes temas: teorias da leitura, letramentos numa perspectiva sociocultural, formação de professores e desigualdades sociais.

Ricardo Toshihito Saito

É professor em contínua formação na Universidade Federal da Bahia, investiga questões relacionadas à Formação de Professores, Letramentos e Tecnologias com suas alunas e alunos do curso de Licenciatura em Letras e professoras da rede pública de ensino da cidade de Salvador, Bahia. Bacharel em Linguística, Licenciado em Pedagogia e Letras e Mestre em Letras, é atualmente doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês na Universidade de São Paulo, cuja pesquisa contempla a co-construção de redes de conhecimento e designs pedagógicos outros em cursos de formação continuada de professores de línguas, letramentos e tecnologias.

Sandra Regina Buttros Gattolin

É Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, instituição em que desenvolveu sua pesquisa na área de ensino-aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira. Atualmente é professora associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Foi presidente da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo nos períodos de 2005 a 2007 e 2009 a 2011. Suas áreas de interesse em pesquisa são o ensino-aprendizagem-avaliação em língua estrangeira, a formação de professores de língua estrangeira e os novos letramentos, multiletramentos e letramento crítico.